

A HEGEMONIA CULTURAL NA OBRA "A ASA ESQUERA DO ANJO" COMO IMAGEM DA IMPOSIÇÃO CULTURAL

Mariene de Fátima Cordeiro de Queiroga (UEPB/ PIBIC) ¹
Sudha Swarnakar (orientadora) ²

RESUMO

Este trabalho trata das relações de poder na convivência familiar entre sogra e nora, representado pela matriarca alemã Frau Wolf e sua nora, a brasileira Maria da Graça, personagens da obra *A asa esquerda do Anjo*, de Lya Luft. Como suporte teórico-metodológico à aplicação desta análise, faremos, numa perspectiva comparativa, uma abordagem aos estudos da filosofia de Zilá Bernd, Stuart Hall, Frantz Fanon, entre outros. A relação de parentesco obrigatória e necessária entre sogra e nora, oriundas de família e cultura incompatíveis, representam a estrutura hegemônica de culturas distintas que desencadeia a imposição de uma postura social condicionada ao rígido sistema cultural alemão.

Palavras-Chave: Hegemonia cultural, imposição, sogra, nora, Relações familiares.

INTRODUÇÃO

O romance *A asa esquerda do anjo* de Lya Luft (1991) tece ao redor de duas gerações dos imigrantes alemães e dá "uma volta ao interior da casa, ao interior do desejo" como disse Zilá Bernd em sua entrevista. A obra destaca o conflito entre duas gerações que surge por imposição cultural e a formação de uma identidade resistente as negociações de hibridização de sentidos. Lya Luft explora esses fatos vendo pelo lado da nova geração e dos parentes que vivem numa situação de conflito entre os valores da casa e da sociedade onde elas crescem.

A hegemonia cultural na obra de Lya Luft³, entendida como violência simbólica, surge devido às relações de poder na convivência familiar representada pela matriarca alemã Frau Wolf e sua nora brasileira Maria das Graças. O caráter de poder é construído na relação interpessoal que ocorre dentro do relacionamento, no qual se

¹ Graduanda em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba.

² Doutora em Estudos Culturais Comparativos pela University Of Warwick Coventry e Professora Titular do Departamento Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB.

³ Este estudo é parte de um projeto do PIBIC orientado pela Prof. Dr. Sudha Swarnakar

configuram e se estabelecem formalmente, os papéis destas mulheres que dão origem a zonas de tensão, conflito entre duas gerações e medo no convívio familiar.

O preconceito cultural presente na obra de Lya Luft, registra através dessas personagens femininas, as relações de poder e os conflitos gerados pelo contato entre imigrantes alemães no Brasil, suas tradições culturais, e seus descendentes e parentes brasileiros. Mostra que para entender o “outro” e seus papéis sociais, vários conflitos de identidades culturais estão em jogo, muitos deles em um mesmo indivíduo. Em vista disso, o sujeito, num processo de identificação, tece das diferentes partes do *exterior* social e internaliza em seu inconsciente essas partes, na tentativa de capturar e preencher o prazer fantasiado sobre sua unidade, como demonstra de forma contundente, a mãe da personagem-narradora, Maria da Graça.

A IMIGRAÇÃO COMO DISCUSSÃO DE ORDEM INDIVIDUAL

Segundo Hall (2000, p. 110), “[...] as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela”, assim, as práticas sociais, normalmente, vêm de uma cultura diferente da encontrada no país que o imigrante escolheu para morar. As diferenças entre cultura da casa e cultura social muitas vezes causa conflitos de identidade. Às vezes, isso também gera no indivíduo certa desconfiança, medo ou angústia de não saber qual é sua verdadeira identidade.

O romance apresenta a personagem de Gisela que narra sua problemática partindo de um universo fragmentado, procurando sua verdadeira identidade, contando a história da sua família, os anseios e a culpa que são em grande parte causados pela imposição da identidade cultural alemã. O que pode ser visto como resultado da postura tomada pela matriarca da família, a autoritária Frau Wolf.

Em *A asa esquerda do anjo*, estando em um território diferente do que estava habituada, Frau Wolf se resguarda num constante isolamento, fazendo de sua casa, a própria Alemanha em território brasileiro, impondo, no ambiente familiar, padrões de etnia e poder, com a perpétua missão de restaurar de forma regressiva e anacrônica, a “pureza” da sua cultura alemã. Mas frequentemente esse mesmo retorno ao passado oculta uma luta para mobilizar as “pessoas” para que purifiquem suas fileiras, para que expulsem os “outros” que ameaçam sua identidade e para que se preparem para uma nova marcha para frente (HALL, 2000, p. 56).

A guerra para resistir a uma cultura majoritária, se desenvolve em meio a repressão e imposição etnocêntrica em território brasileiro, aos que nem nasceram e nem vivem na Alemanha da família Wolf, onde a matriarca Frau Wolf almeja fazer

passar a “singularidade de diferentes maneiras de existir por um só e mesmo quadro de referência”, a cultura alemã (GUATTARRI, 1999, p. 68).

Entretanto, a identidade fixa de Frau Wolf é imposta de maneira tal que não compartilha com outro tipo de manifestação cultural que não seja a almejada por ela, restando assim, aos que lhe cercam, copiá-la e reproduzir o “modelo de ser alemão”, sem que haja qualquer contraposição explícita por parte de seus pares, “todos falávamos alemão na casa de minha avó, embora, à exceção dela, todos tivéssemos nascido no Brasil.” (AEA, 1991, P. 20).

No romance de Lya Luft, o isolamento é causado pela imposição de uma tradição estranha, estrangeira, que se torna “alienígena” ao subalternizar o sujeito dentro de sua própria terra e de sua própria tradição cultural.

O que caracteriza *A asa esquerda do anjo* é que o isolamento se dá em família, na partilha do impartilhável, os sujeitos, embora se reúnem pra partilhar, não podem fazê-lo, pois estão submetidos à vontade autoritária de uma pessoa que vêm de uma outra tradição cultural e discursiva, representada pela figura de Frau Wolf. As recusas se davam exclusivamente sob a forma do silêncio ou de atos corporais desviantes:

Mas havia momentos, nas reuniões da família Wolf, em que surpreendia minha mãe distante, como tio Stefan. Talvez pensasse em sua cidade, em outro ponto do Brasil, onde moravam os pais e muitos irmãos que eu não conhecia. Um lugar ensolarado que ela deixara ao se casar com meu pai, e vir para o Sul, e assumir costumes tão diferentes (AEA, 1991, p. 20).

Segundo Hall (2000, p.83) a formação de “enclaves” étnicos minoritários no interior dos estados-nação do Ocidente levou a uma “pluralização” de culturas nacionais e de identidades nacionais”. O romance semiotiza a intolerância que isso representa na vida cotidiana de quem sofre com esse processo de diversidade cultural. O próprio ato de Anemarie e de tio Stefan não pode ser considerado um questionamento, antes é um desvio.

Frau Wolf não discutia: suas idéias eram suas idéias e os outros as aceitavam ou eram desprezados pelo seu silêncio e um leve repuxado da boca, (...) à medida que fui crescendo, desconfiar que o país que ela amava não existia concretamente: criava para si a sua pátria, carregava-a consigo, ditava suas leis e calculava seus valores (AEA, p. 29).

A avó da narradora internalizou no seu processo de identificação identitária, marcas de um sistema de representação etno-cultural, a alemã, a que foi concebida e que em seu imaginário, potencializa uma nação idealizada, onde apenas ela mesma se referencia como modelo a ser seguido pelos que em seu redor se desenvolvem. Resguarda em si:

A posse em comum de um rico legado de memórias [...], o desejo de viver em conjunto e a vontade de perpetuar, de uma forma indivisiva, a herança que se recebeu (RENAN, 1990, p. 19).

A comunidade "pura e ideal" imaginada e criada por Frau Wolf é em seu íntimo inconsciente ou, nos termos de Bakhtin, "internalizada" a partir de um discurso interiormente persuasivo. Assim, os confortos da tradição "são fundamentalmente desafiados pelo imperativo de se forjar uma nova auto-interpretação", baseada nas responsabilidades da tradução cultural (Robins, 1991, p. 41). Na tentativa de proteger sua superioridade cultural de origem, apesar de ser em minoria e estar num país estrangeiro, cuja maioria para ela apresenta costumes, comportamentos e hábitos avessos ao seu, a matriarca da família Wolf reage criando um escudo protetor de qualquer influência ameaçadora a sua indissolúvel educação alemã e que assim tenta repassar com rigor a seus descendentes, a forma autoritária e impiedosa que criara, em seu processo de construção identitária na Alemanha. Frau Wolf vive a constante função hegemônica de impor o seu imperialismo cultural de "forma etnocentrista politicamente atuante" (Mattelart, 2005, p. 75). É um etnocentrismo transformado em uma ideologia que se apresenta como via de salvação e como forma identitária para que os seus subalternos se moldem, numa forma de imperialismo cultural:

O imperialismo é uma violência simbólica que se apóia em uma relação de comunicação forçada para extorquir a submissão e cuja particularidade consiste aqui no fato de ela universalizar as particularidades derivadas de uma experiência histórica singular, levando-as a desconhecem-se como tais e a reconhecerem-se como universais (BOURDIEU e WACQUANT, 2000, p. 6).

Apesar de empenhar-se para agradar e satisfazer os padrões ditados pela sogra, Maria da Graça, brasileira casada com alemão, convive na mesma casa com a sogra sem questionar sua autoridade porque ela vivia em função do marido e da filha, o que seria natural, pois figurava o papel da perfeita "dona do lar", segundo ela, "as boas donas de casa adoçam a vida dos homens, que trabalham o dia todo e têm grandes responsabilidades" (AEA, p. 47). Assim, a nativa da terra vira a "estrangeira" da família, aceitando as imposições culturais sem entrar em conflito representando o papel da mulher submissa e volúvel à figura masculina que através de renúncias, assume uma cultura com costumes diferentes dos seus.

Ao passo que Gisela, em desaprovação ao comportamento servil da mãe, retruca: "era por isso que eu pensava que não queria me casar: preguiçosa e desajeitada, certamente não faria a felicidade de marido algum", (AEA, p.47).

Apesar do grande esforço para agradar e se moldar à cultura que lhe foi imposta, Gisela e sua mãe atuavam sobre o palco da vida real da senhora Wolf, "Que outras alegrias minha mãe teria fingido durante todos esses anos?" (AEA, p.74), talvez compartilhassem:

A sensação de estarmos no lugar errado. Maria da Graça, numa família de Helgas e Heidis. E eu, Guísela ou Gisela? Minha mãe pronunciava Gisela; o resto da família dizia Guísela, à maneira alemã, que eu achava horrenda. (AEA, p. 21) (grife nosso)

A insistência da mãe em pronunciar o nome da filha de forma brasileira/portuguesa parece sua maneira de rejeitar a imposição cultural. Este fragmento indica haver na obra uma relação étnica direta. Se para Hall "a raça é uma categoria discursiva e não uma categoria biológica", (2000, p. 63), a identidade étnica não é formada desde o nascimento, mas construída e transformada no interior da representação (HALL, 2000, p. 48), para a senhora Wolf, a figura de uma não alemã participar dos encontros e eventos familiares e dividir algo "sagrado" que era seu sobrenome Wolf, implicaria numa despurificação de seu legado cultural. Desse processo de miscigenação provocada pela união do sangue alemão com sangue brasileiro, surgira Gisela, "Penso que, talvez sem ela mesma saber, [...] e comigo o sangue da família Wolf deixava de ser absolutamente "puro." (AEA, p. 17)

A obra de Lyra Luft tenta afirmar que os significados culturais são produzidos socialmente, o que significa reconhecer que são estabelecidos pelas relações de poder. Frau Wolf "não se permitia fraquezas e desprezava as alheias" (AEA, p.17), demonstrava certo desafeto por Maria da Graça, casada com seu filho Otto, mãe da narradora, pelo fato de ser ela brasileira, ou seja, uma não alemã tinha "nome de criada", Segundo Frau Wolf, era a "estrangeira" da família e, por isso, era alvo de certas observações mordazes da sogra. Entretanto, se esforçou para aprender a língua alemã e de tudo fazia para agradar e abrandar a desaprovação da nova família.

As personagens são compelidas pelo domínio de uma força impessoal agressiva que rompe de cotidianos aparentemente triviais e as confronta com a sua natureza interior. A identidade externa então é revelada por seu valor simbólico como veículo de revolta e conflitos internos. As demandas socioculturais influenciam diretamente o sujeito. Dessa forma, observamos em meio ao seio familiar dos Wolf, que os personagens, em respeito à figura da matriarca Wolf, assumem e representam uma

identidade encoberta em diferentes momentos, "Todos fingiam: não era só eu que fazia de conta e depois me sentia culpada". (AEA, p. 74)

Tudo precisava ser recomendado, ensaiado, mil vezes lembrado: gestos, expressões, linguagens tudo falsificado na montagem daquele teatro em que se fraudava, até o menor resquício, a nossa identidade (AEA, p. 45).

A cultura produz as identidades e as diferenças. Como afirma Silva (1996), as narrativas culturais representam os diferentes grupos sociais de diferentes formas, assim como a vida de alguns grupos são valorizadas e instituídas como cânone, as de outros são desvalorizadas e condenadas.

Maria das Graças e sua filha experimentam o conflito de se descobrirem atadas a um falso cotidiano e, aos poucos, valendo-se de uma linguagem rica de metáforas e muito íntima, vão revelando suas resistências contra essa imposição de identidade: "se meu pai viajava, era delicioso conviver com minha mãe, ríamos como duas meninas" (AEA, p. 45).

As atitudes da personagem de Maria das Graças acabam se distanciando de uma cultura brasileira na mesma medida em que não consegue ascender a cultura alemã. A submissão e a hierarquização cultural baseada em valores de uma suposta tradição européia, com fortes vínculos com um patriarcado decadente, ainda dita as regras, e a única opção que se oferece a essa personagem, é a aceitação da imposição. Ela semiotiza um espaço em que a identidade fragmentada é o resultado da falta de negociação cultural.

A IDENTIDADE CULTURAL COMO ORDEM COLETIVA

Imigrante alemã, radicada no Sul do Brasil, em que a cultura e os costumes divergem dos que estava habituada na Alemanha, Frau Wolf, matriarca da família Wolf, vive a constante função hegemônica de impor a sua cultura de "forma etnocentrista politicamente atuante" (Mattelart, 2005, p. 75). E, na tentativa de preservar ditatorialmente e de delimitar seu espaço alemão num país estranho, não aceita nem compartilha com outro tipo de manifestação cultural que não seja a almejada por ela, restando assim, aos que lhe cercam, copiá-la e reproduzir o "modelo de ser alemão", sem que haja qualquer contraposição explícita por parte de seus familiares.

Ao dirigir-se a consciência de uma civilização que se considera "superior" ela devolve-lhe a imagem da obra de violência sistemática e de violentação da humanidade dos colonizados, que se ocultava sob o manto do *déjà-vu* e o brocado da missão civilizadora (FANON 65, p. 73).

Apoiada numa identidade incorporada, marcada pelo híbrido, onde tudo era bem organizado "ao compasso da voz seca da matriarca", Maria das Graças se submetia as ordens da sogra alemã e era obrigada a falar alemão, pois Frau não admitia que se falasse outro idioma, e sua filha Gisela carregava a culpa, do casamento que seu pai, Otto "o filho querido", primeiro membro da família a se casar com alguém que não era de origem alemã", para grande desgosto da avó e sogra, que sempre considerava Maria das Graças e sua filha como as estrangeira da família, "eu me envergonhava como se fosse mestiça" (AEA, p. 46). Enquanto figura de hibridação, a matriarca da família tiranizava Maria das Graças sempre com olhar crítico, já com Anemarie, neta querida, sangue "puro" de descendência alemã, "contemplava com uma expressão branda" (AEA, p.75)

O processo de interiorização identitária pelo qual Mara das Garças é submetida ao ingressar na família Wolf, após o casamento com o filho mais velho de Frau, surge, como diferentes referências, mas exprimindo sempre a sensação de estar num lugar estranho, em que se conflituam o "eu" individual e o "eu" existencial, ou mesmo a renúncia da própria identidade. Para Fanon (1965), trata-se de um fenômeno induzido pela violência que embebe o tecido social da colônia e que se manifesta pela intermediação [...], da discriminação e das constantes humilhações, imobilidade física e social a que está condenado. Maria das Graças vive a constante dificuldade de pautar o cotidiano por normas de comportamento e valores que lhe são estranhos que a conduzem "à situação de estrangeiro na própria terra", de onde lhe vem a sensação de ser "minorias social quando se sabe maioria estatística".

O Brasil da mãe é ao longo da narrativa encoberto em mistério, transformando-se num espaço utópico, aberto, em que representa riqueza e imaginação para a filha-narradora. Dividida entre a cultura de seu território geográfico e a cultura da casa de sua sogra, Maria das Graças tem dificuldade em se adaptar a outra cultura, devido a sua inabilidade para as tradições e idioma alemães, e silencia a si mesma, com a submissão servil de viver a constante sensação de androgenia, sentindo-se "perdida, naquela família robusta" (AEA, p. 33).

O SILÊNCIO: SEMIOSE DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

A obra *A asa esquerda do Anjo* chama a atenção do leitor a ausência de diálogo, o texto se ausentando de informações discursivas que viabilizam o pensamento das personagens, relacionado ao desejo de revolta e ruptura contra a identidade forçada, o patriarcado decadente que ainda dita as regras, a falta de negociação cultural ou a imposição cultural alemã da matriarca da família, como imagem da violência no plano simbólico, em atitude de vigília, emoções e identidades contidas, têm efeito importante enquanto panóptico de "induzir [...] um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder." (FOUCAULT, 1999, p. 166).

Para entender a dualidade de sentimentos que restauram o silenciamento da identidade cultural brasileira através das personagens da obra, Orlandi (1995) afirma: "O silêncio é. Ele significa. Ou melhor: no silêncio o sentido é". O silêncio como fuga. O silêncio, enfim, subjetivando, "em sua unidade dialética com a objetividade", impede o desenvolvimento de valores morais e éticos. O silêncio, imaginário cuja ausência da palavra se consome em expectativas, mobiliza a identidade, o tempo e o espaço, ao mesmo tempo em que se faz o real da significação.

Os valores atribuídos por Frau na formação de uma identidade cristalizada, que como afirma Araújo (2000, p. 102), apresenta comportamentos fixos, repetitivos, estereotipados, obliterando o desenvolvimento de indivíduos incapazes, de serem autores de sua própria história (...)", se veem ilhados a um destino de caráter híbrido que determina e desencadeia uma identidade dispersa de seus parentes e familiares.

Aconteceu com a brasileira Maria das Graças e sua filha Gisela, que aceitaram o caráter híbrido da matriarca, única alemã da família, e se enredaram em conflitos e estigmas dessa submissão cultural.

O Brasil, na obra, aparece com uma dupla função: 1) como metáfora do silenciamento da mãe, da sua mudez, da sua opressão 2) como espaço utópico, aberto, imaginário, para a filha-narradora. Se para uma representa ausência e desolação, para outra representa riqueza e imaginação.

Luft demonstra através da mudez da personagem Maria das Graças, que fora concebida na cultura brasileira, nenhuma resistência a aceitação da cultura alemã da sogra, se posicionando como uma exímia dona do lar, entretanto, apesar do esforço, demonstrava certa dificuldade em adaptar-se ao cotidiano pautado no rígido sistema alemão, mesmo estando em território brasileiro é constantemente tratada como

estranha, a “estrangeira” da família, pela sogra. Para conviver com a família Wolf, Maria das Graças era obrigada a falar alemão, mesmo estando em sua casa, demonstrando certa inabilidade como idioma, sobre isso, sua filha observa:

Minha mãe passara dificuldades, mas aprendera o novo idioma usando um vocabulário simples, errando as declinações, falando com um sotaque que do qual eu achava graça, sempre brincávamos por causa dele. Às vezes pedia-me que explicasse alguma palavra cujo sentido não pegara bem. Eu sentia um pouco de pena, mas ela encarava tudo com bom humor, mesmo o fato de eu ser obrigada a falar só alemão também com meu pai em casa, (AEA, 1991, p. 20).

Maria das Graças teve que anular e silenciar a cultura brasileira e em toda a narrativa é semiotizada como símbolo da submissão cultural e em nenhum momento dá indícios de uma ruptura, permanece obediente aos preceitos da sogra e silencia a cultura brasileira inclusive para própria filha que desejava conhecer o Brasil da mãe, um país que Frau não aprovava, imaginando “o mar verde, o calor, um lugar de festa eterna, sem a avó de bengala comandando tudo” (AEA, p. 21), e herdar a alegria e a capacidade de adaptação que a mãe não transmitiu.

Na tentativa de preservar e proteger sua família, Frau Wolf representa a intolerância contra uma visão pluralista e intercultural e prefere silenciar a tudo que ameaça a sua missão civilizadora, impondo rigidamente sua educação alemã, não permitindo a interculturalidade, o diálogo fecundo entre duas instâncias culturais e prefere ignorar e também silenciar a cultura brasileira, impondo a omissão dessa cultura aos seus, restando apenas aos que lhe cercam aceitarem seu autoritarismo alemão sem questioná-lo.

Em toda a obra, o silêncio semiotiza a subjetivação da realidade dos personagens, a mudez e a diferença de tio Stefan, genro de Frau Wolf, dá indícios, antecipa, a ruptura que sua união com a sobrinha Annemarie, neta querida e símbolo da perfeição alemã para matriarca, vai causar na família, ou seja, é um índice do desmoronamento “[...] por mais que Frau Wolf lutasse, seu mundo acabaria por desmoronar; era impossível aguentar o tempo sem nenhuma corrosão” (AEA, 1991, p. 120).

Depois da fuga dos dois, quebraram-se duas “redomas”: de Annemarie como símbolo da perfeição e de utopia cultural alemã e da avó, como matriarca e senhora da ordem e da tradição, que silenciava esse incesto proibindo a todos que tocassem no assunto, e era representada metaforicamente pelos relógios, que após a ruptura de Annemarie, “esqueceria de dar corda [...], mas andava pela casa parando os pêndulos e os maquinismos”. [AEA, 1991, p. 121]

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção da identidade como processo lingüístico, cultural e social tenta compreender os processos de subjetivação, a complexidade da produção de sentidos, as ações coletivas e individualizadas, a partir das diferenças culturais. Dessa forma, a prática hegemônica da cultura alemã desencadeia, no processo de formação identitária das personagens, a violação do espaço natural, físico e psicológico, onde Maria das Graças, mãe da narradora-personagem, desde sempre tida como a “estrangeira” da família, é coagida a atuar e se enquadrar nos padrões ditados pela sogra, e vive envolta do medo, entretanto, segue confinada a obedecer as ordens impostas pela sogra. Assim, por se tratar de uma relação de parentesco obrigatória e necessária, na qual sogra e nora convivem numa mesma família, essa relação representa, sobretudo, a estrutura hegemônica entre duas culturas distintas, onde uma delas, a brasileira, definida através da nora, tem comportamento renunciador a suas próprias referências identitárias, assumindo assim, uma postura social condicionada aos costumes e tradições, do rígido sistema cultural alemão ditado pela sogra alemã. Pôde-se constatar que Lya Luft ilustra, através de uma de suas personagens, a matriarca alemã Frau Wolf, a formação de uma identidade resistente as negociações de hibridização de sentidos, quanto à afirmação das diferenças culturais, sendo essa, responsável pela produção de um cenário no qual tenta impor a sua cultura como categoria universal e como sistema de significação de acordo com seus critérios ditos como reais, aos seus descendentes. Sendo assim, os espaços de articulação, de hibridização que envolve os vários sentidos, que foram produzidos cotidianamente na família Wolf, implicaram não no fortalecimento de uma ou de outra identidade, mas na desestabilização e enfraquecimento contínuo dos marcadores identitários da avó, pela inesperada ruptura de Anemarie no fim da obra

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Y. *Emoções nos mitos*. In: LANDE, S.T.M. e ARAÚJO, Y. (orgs.) Petrópolis: Vozes, 2000.

BACKES, JOSÉ LICÍNIO BACKES. “Articulando raça e classe: efeitos para a construção da identidade Afrodescendente”. *Educação Social*. Campinas, vol. 27, n. 95, p. 429-443, maio/ago. 2006.

BAKHTIN, M. M. *Speech of Genres and Other Late Essays*. (Ed. e tradu.) Caryl Emerson and Michael Holoquist. Austin: univ. Of Texas Press, 1986.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999 (Cap. 7, pp. 244-297).

_____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi/ Zygmunt Bauman; tradução Carlos Alberto Medeiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BERND, Zilá. "Negociações identitárias e estratégias de sobrevivência em textos de migrações nas Américas". In: *Americanidade e transferências culturais*. Porto Alegre : Movimento, 2003, pp. 47-63.

BOURDIEU, Pierre e WACQUANT, Loïc. "The Cunning of Cultural Imperialism". *Theory, Culture and Society*, Éditions du Seul, Paris, 2000.

BHABHA, H. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

BRANDÃO, Lucilia Soares. "O enigma do Anjo: Algumas reflexes sobre A as esquerda do Anjo, de Lya Luft". In: *Desafiando o Cânone: Aspectos da Literatura de autoria feminina na prosa e na poesia (anos 70/80) / org. Helena Parente Cunha*. Rio de Janeiro: Tmpo Brasileiro, 1999. pp. 39-52.

CABAÇO, José Luis. CHAVES, Rita. "Frantz Fanon: colonialism, violencia e identidade cultural". In: *Margens da cultura*. Abdala Junior, organizador. São Paulo: Boitempo, 2004, pp. 67-86.

FANON, Frantz. "On National Culture". In: *The Wretched of the Earth*. London 1963.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1979.

GUATTARI, Félix. ROLNIK, Suely. "Subjetividade" e História. In: *Cartografias do Desejo*. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 1999, pp. 25-76.

HALL, Stuart Cultural Identity and DIASPORA. In: Rutherford, Jonathan (Ed.): *Identity: Community, Culture, Difference*. London: Lawrence & Wishart, 1990, pp. 222-237.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva & Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro, DP&A, 1997.

_____. *Pensando a Diáspora: reflexões sobre a terra no exterior*. In: *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Org. Liv Sovik. Belo Horizonte:

Editora UFMG, 2003.

LUFT, Lya. *A asa esquerda do anjo*. São Paulo: Siciliano, 1991.

MATTELART, Armond. "A "Revelação" da troca desigual". In: *Diversidade cultural e mundialização/ tradução Marcos Marcionilo*. São Paulo: Parábula, 2005. pp. 71-87.

OLLIVIER, Émile. *Passages*. Paris: Le Serpent a Plumes, 1994.

ORLANDI, E. *As formas do silêncio*. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

RUTHVEN, K. K. *Feminist Literary Studies: An Introduction*. Cambridge: CUP, 1984.

RENAN, E. "What is a nation". In BHABHA, H. (org.) *Narrating the nation*.

Londres: Routledge, 1990.

SAID, Edward. *Culture and Imperialism*. New York: Knopf, 1992.

SKUL, Jola. "Comparative Literature and Cultural Identity" In: TOTOSY de. Steven Zepnek (ed.) *Comparative Literature and Comparative Cultural Studies*. Indiana: Purdue University Press, 2003.

SILVA, T. T.. "A produção social da identidade e da diferença". In: SILVA,

T.T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*.

Petrópolis: Vozes, 2000a. p. 73-102.